DIALOGO DA NEGRITUDE

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

OFERTA
CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO
RUA PEDRO LESSA, 35 - 8º ANDAR - RIO DE JANEIRO - BRASIL

AmM
0415

DIALOGO DA NEGRITUDE

OBRAS DO AUTOR:

«A Influência da vida na Obra de Batista Cepelos» (conferência) — Separata de «O Imparcial» — Cotia_Itapevi — 1958.

«Cruz e Souza — o Dante Negro» — Série Cultura Negra — volume 2 — Edição da Associação Cultural do Negro — — 1961 (esgotado).

«Perfil de Afonso Schmidt» — prefácio de Mário Graciotti — — Edibra — 1961 (esgotado).

«Nina Rodrigues e o Negro do Brasil» — Série Cultura Negra — volume 5 — apresentação de José Correa Leite — Edição ACN — 1962.

«Perfil de um Gigante» (estudo) in «As Joias da Coroa», de Raul Pompéia — Editôra Clube do Livro — 1962 (esgotado).

«Antonio Bento — o Fantasma da Abolição» (conferência) — Serie «Euclides da Cunha» — volume 1 — Centro de Estudos Históricos «Gustavo Barroso — Lorena — 1963.

TRADUÇÕES:

De Henryk Sienkiewicz — editadas pela Editôra Clube do Livro: «Em Vão» (1956); «Marisia» (1957); «Hânia» .... (1958); «Liliana» (1959) e «A Terceira Mulher» (1962).

De Leonid Andreiew — idem — «Judas Iscariotes» (1960).

A SAIR:

«O Fantasma da Abolição» (biografia romanceada de Antonio Bento de Souza e Castro) — Prêmio RAMOS PAZ (1962) da ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.

«Revisão de Batista Cepelos» — estudo revisionista — Prêmio «Linneu Cordeiro» da ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS.

HENRIQUE L. ALVES

DIALOGO DA NEGRITUDE

SÉRIE "EUCLIDES DA CUNHA" — 3

CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS «GUSTAVO BARROSO»

RUA D. BOSCO, 160 — LORENA

ESTADO DE SÃO PAULO

À

Leão Machado

Enock Sacramento

Alceu Maynard Araujo

Octacilio de Carvalho Lopes

Ernesto Quissak Jr.

Olimpio da Silva e Sá

Nereu Correa

e

Menotti Del Picchia

A poesia não pode perecer. Se ela perecesse, que seria das esperanças do mundo?

Senghor

Conferência proferida em sessão solene, dentro do Curso de Extensão Universitária "Formação Étnica do Brasil" ao encerramento da Semana de Estudos Africanos, no auditório "Flamínio Lessa", (Guaratinguetá) e no auditório da Faculdade Salesiana de Filosofia, de Lorena.

Um diálogo difícil na interpretação do que é ou não é negritude. Filosofia complexa que tem três astros tutelares no panorama universal: Leopold |Sedar Senghor, Aiméc Cesaire e Leon G. Damas. Tive oportunidade de um pequeno diálogo com dois dêles — Senghor e Damas, exercendo a função de um dos representantes da Associação Cultural do Negro (SP), entidade que mantém |acesa a chama da cultura afro-brasileira. Através de oito longos e profícuos anos acompanhei |a trajetória da Associação Cultural do Negro, não medindo esforços ante o entusiasmo afro-brasileiro que nos transmite. Entusiasmo que leva aos caminhos de um ideal da negritude, no diálogo franco de um tema apaixonante, emotivo e cáustico. Não seria eu, um branco — como ensina Sartre — a "falar convenientemente a seu respeito, porquanto não posuo |experiência interior dela" e, sobretudo falta-me a divina chama da inspiração poética. Palavra na poesia cristalina de um tema nu e cru, empolga e fere a sensibilidade dos amantes da transformação por que passa o nosso universo. Muito teriamos a falar no diálogo de uma negritude se ficassemos a percorrer páginas dessa figura ímpar, cuja presença empolgou a cultura do Brasil, na recente visita de Leopold Sedar Senghor. Ainda toca a nossa sensibilidade ao ouvirmos o éco das palavras do poeta Senghor, pronunciadas no cenáculo da imortalidade — Academia Brasileira de Letras — quando deu a lição de uma profunda oração da negritude. "O que constitui, a negritude de um poema, é menos o tema do que o estilo, o calor emocional que dá vida às palavras, que transmuta a palavra em verbo." É o grito angustiante de um protesto; é a dor de um sacrifício de gerações; é o sangue vertido na defesa de um ideal sacrossanto; é o passado projetado no futuro; é o mal gerando o bem; é a expressão viva do poema escrito na pedra com gotas de sangue; é a voz do poeta Cesaire que clama:

"Minha negritude não é uma pedra, surdez que é
lançada contra o clamor do dia,

Minha negritude não é uma catarata de água morta
sôbre o ôlho morto da terra
minha negritude não é nem tôrre nem catedral
ela mergulha na carne rubra da terra
ela mergulha na ardente carne do céu
ela perfura o opaco desânimo com sua précisa
[paciência."

Caminhando pela subjetividade vamos nos deter num conceito de Sartre, ao afirmar: "A negritude é o conteúdo do poema, é o poema como coisa do mundo, misteriosa e aberta, indecifrável e sugestiva, é o próprio poeta." Ressurge novamente a voz de Senghor ao clamar na quietude de seus versos, com anseios de liberdade e busca da paz:

"Máscaras! Ó Máscaras!
Máscaras negras, máscaras vermelhas, e vós máscaras
[pretas e brancas,
máscaras retangulares onde o espírito respira,
eu vos saudo em silêncio!
E a ti também, ancestral meu
cabeça de pantera.
Guarda êste lugar
isento de gargalhada de mulher e de sorriso mortal.
Purificas o ar da eternidade
aqui onde respiro o vento de meu país.
Máscaras de faces sem máscara,
livres de covas e rugas,
haveis composto a imagem
dêste meu rosto que se curva sôbre altar de papel
[claro.
Em nome de vossa imagem, escutai-me!
Agora que a África do despotismo desaparece —
em mesquinha agonia de princesa
ligada pelo umbigo à Europa,
lançai êsses olhos imóveis sôbre vossos filhos
chamados a sacrificar a vida
que nem o pobre, o meu último pano,
e que possamos gritar "AQUI"
num renascimento
de um mundo em busca de levedura.
Quem mais poderia ensinar ritmo àqueles
que morreram de máquinas e de canhões?

Que outro poderia soltar o grito de júbilo
que levantasse o morto e o sábio em nova aurora?
Quem mais poderia devolver a memória da vida
aos de partida esperança?
Muitos nos chamam cabeças de algodão,
homens do café,
homens do petróleo
e homens da morte.
Mas somos os homens da dança
e nossos pés ganham fôrça batendo no solo duro". (*)

O diálogo em tôrno da negritude pode ser sintetizado em duas ou três expressões poéticas, demonstrando o vigor e a potencialidade com que o negro explode versos de seu passado e admite o futuro no panorama da história, carregando angústias e dramas. Passa para o segundo plano a luta de condições étnicas do negro, deixando a cada passo tôdas as manifestações de sua raça (danças, ritmos e exotismos) em troca de uma filosofia que reivindica sua posição dentro da sociedade e com possibilidades ou direitos de lutas pela libertação da sua própria libertação.

Sartre ao produzir o ensaio "Orfeu Negro" como nota introdutória à "Antologia da nova poesia negra", de Leopold Sedar Senghor, procura conceituar a filosofia do têrmo *NEGRITUDE*, frisando exemplos e delimitando graus que o poeta máximo da nova expressão lírica, Senghor, oferece no contexto poético. Vejamos o conceito e as perguntas de Sartre, complexas por vêzes, porém de uma singeleza a tôda prova:

"Mas podemos ainda, depois disto, crer na lomogeneidade interior da Negritude? E como dizer o que ela é? Ora é uma inocência perdida que só teve existência num passado remoto, ora uma esperança que só se realizará no seio da Cidade futura. Ora se contrai num instante de fusão panteísta com a Natureza, ora se expande até coincidir com a história inteira da Humanidade; ora é uma atitude existencial e ora o conjunto objetivo das tradições negro-africanas. Será descoberta? Será criação? Afinal, há negros que "colaboram"; afinal, Senghor, nas notas que antepõe as obras de cada poeta, parece distinguir graus na Negritude.

(*) Tradução de Antonio Olinto de «Oração às Máscaras», de Leopold Sedar Senghor.

Quem se fêz o anunciador desta magnitude junto a seus irmãos de côr convida-nos a se tornarem cada vez mais negros, ou então, por uma espécie de psicanálise poética, desvenda-lhes o que são? Será ela necessidade ou liberdade? Tratar-se-á, para o negro autêntico, de que seus modos de conduta decorram de sua essência como as conseqüências decorrem de um princípio, ou então será êle negro como o fiel de uma religião é crente ou seja, no receio e no temor, na angústia, no perpétuo remorso de jamais ser suficientemente aquilo que gostaria ser? Será um dado de fato ou um valor? O objeto de uma intuição empírica ou de um conceito moral? Será a negritude uma conquista da reflexão? Ou será que a reflexão a envenena? Que ela nunca é autêntica exceto no irrefletido e no imediato? Será uma explicação sistemática da lama negra ou um Arquetipo platônico de que é possível se aproximar indefinidamente sem nunca atingi-lo? Será ela para os negros, como o nosso bom senso de engenheiros, a coisa do mundo melhor partilhada? Ou descerá sôbre alguns como uma graça e escolherá seus eleitos? Sem dúvida responder-se-á que a negritude é tudo isto ao mesmo tempo e muitas outras coisas. Estou de acôrdo: como tôdas as noções antológicas, a Negritude é um reflexo de ser e de dever-ser; ela nos constitui e nós a constituimos: juramento e paixão, ao mesmo tempo. Mas há algo mais grave: o negro, afirmamos, cria para si um racismo e anti-racista. Não aspira de modo algum a dominar o mundo: quer a abolição dos privilégios étnicos, venham de onde vierem; afirma sua solidariedade com os oprimidos de tôdas as côres. De pronto a noção subjetiva, existencial, étnica de negritude "passa", como diz Hegel, àquela — objetiva ,positiva, exata — de proletariado. "Para Césaire, declara Senghor, o "branco" simboliza o capital, como o Negro o trabalho... Através dos homens de pele negra de sua raça, êle canta a luta do proletariado mundial."

Êsses conceitos e interpretações possuem profundidade, procurando a dialética onde "ela configure mais do que uma situação definida por consciências livres" a própria consciência do negro. Ainda recentemente, ao visitar o nosso país, o poeta Leon G. Damas, poeta negro da Guiana Francesa, com quem tivemos a oportunidade de um diálogo em tôrno da negritude brasileira, conceituou a filosofia que encarna sua poesia:

"É ardilosa e absurda a afirmação dos marxistas que acusam a *negritude* de ser um movimento afrancesado, que não reflete os desejos a personalidade do negro africano. A *negritude* não lhes deve agradar porque é essencialmente democrática e não incita ódios de classes nem inter-raciais e a prova disso está em que Sartre, que certamente não pode ser acusado de fascista, saudou na *negritude* um dos mais decisivos movimentos culturais do pós-guerra. Digo mais ainda: a influência dêsse movimento se espraia pelos países africanos de língua inglesa, como a Nigéria, cujos principais poetas admitem pùblicamente sua inspiração. O que os detratores da *negritude* não compreendem é que *podemos ser diferentes sendo semelhantes*, isto é: através da nossa expressão poética em língua francesa trazemos uma aportação inteiramente nova e inédita seja à poesia francesa, seja à articulação de uma poesia negra, fiel aos seus anseios raciais ancestrais. Os que nela vêem uma forma de racismo negro desconhecem também o seu conteúdo inteiramente pacífico e sobretudo se esquecem da dolorosa história do homem de côr que certamente não será racista porque conheceu o racismo e tendo conhecido o ódio não o abrigará. A *negritude* antecipa a era do diálogo universal entre todos os componentes da espécie humana, inclusive através das trocas culturais e das confrontações artísticas entre os povos."

E o negro consciente do poder que encarna o seu "eu", procurando o tema de um retôrno às suas origens e percorrendo o vasto caminho na depuração de sua alma, fixa conceitos característicos e pessoais na maneira de versejar. De uma área nìtidamente influenciada pelo idioma francês, pulemos para a área lusa, através de uma nota do tradutor de "Orfeu Negro", o ensaista J. Guinsberg, ao abordar o transplante do têrmo "negritude" para a esfera lusitana, assevera:

"O têrmo "negritude" não se encontra registrado em dicionários, tal como ocorre com a palavra *Négritude* utilizada por Sartre e pelos escritores negros de língua francesa. Têrmo indispensável, insubstituível pelo nosso "pretidão", devido à sua riqueza de significação, já foi, de resto, incorporado ao vocabulário da poesia negra de língua portuguêsa. Mário Pinto de Andrade, intelectual negro de Angola, em sua introdução à "Antologia da Poesia Negra de

Expressão Portuguêsa" (ed. Pierre Jean Osvald, Paris, 1958), escreve:

"... sei que alguns espíritos portuguêses bem pensantes esperam de mim que renuncie finalmente ao têrmo *negritude*. Pois bem: um *depassement* da negritude é um fato evidente entendido como simples afirmação do ato de existir do mundo, sobretudo com a poesia negra de expressão francesa que constitui o seu principal veículo. Mas o poeta negro em nada deve renunciar à sua qualidade ou às suas características; pelo contrário, o fundamento de sua universalidade reside na plena afirmação de sua particularidade que não é puramente étnica mas tanto histórica como social e cultural, numa palavra, humana."

A noite ,terrível e densa noite do mundo africano, levanos através dos mares, ao surgimento de um panorama dialético em tôrno da negritude brasileira. A transmissão da sensibilidade e ritmo do têrmo negritude em nosso País terá atingido os poetas negros? Difícil o exame e o preconceito gera na índole de vários dos nossos vates o receio e a angústia ao negarem ligações ao afro-brasileirismo, tema e gênero literário muito mais ameno que a violência da temática que envolve a poesia de índole e filosofia da *negritude*. Receio de uma marcação e limitação de sua poesia ante grupos e igrejas literárias, procurando a poesia branca, já que "a poesia negra é evangélica, anuncia a boa nova: a *negritude* reencontrada." É dura, cáustica, triste, dramática, angustiosa, infeliz, mística, negra a poesia que procura cantar a negritude:

"Preto negro como a miséria"

O amor da dor, a angústia da aflição, a tristeza do drama, a idéia da opressão, a imagem da miséria, formam a aurora subjetiva do amanhã claro após a noite negra das Áfricas em Poemas. Sartre afirma que "a negritude é o tantã longínquo nas ruas noturnas de Dacar, são os gritos vodus que saem de um respiradouro haitiano e deslizam ao rés da calçada, é esta máscara conguêsa mas também êste poema de Cesaire, empastado, sangrento, cheio de baba, que se torce na poeira qual um verme seccionado. Êste duplo espasmo de absorção e excreção bate o ritmo do coração negro em tôdas as páginas da coletânea."

Dificilmente encontrariamos poemas duros e chocantes

na alma lírica dos poetas negros brasileiros, destacando-se o simbolista Cruz e Souza, a quem cognominamos de "o Dante Negro", pelo conjunto augusto de talhar seus versos. Não é na poesia que explode a genialidade rítmica de sua alma, mas sim, na prosa, onde desponta o poeta no seu universo emparedado.

Transportemo-nos para o fim do século passado e encontramos na prosa, reafirmamos, *na prosa*, aquela auréola que contêm resquícios de um sentido da negritude, aconselhando a leitura das páginas magistrais de "O Emparedado". Do seu conteúdo destacamos alguns parágrafos, para o exemplo que se integra nos dias atuais e com um espírito arejado, quando escreve:

"Artista! pode lá isso ser se tu és d'África, tórrida e bárbara, devorada insaciàvelmente pelo deserto, tumultuando de matas bravias, arrastada sangrando no lôdo das Civilizações despóticas, torvamente amamentada com o leite amargo e venenoso da Angústia! A África arrebatada nos ciclones torvelinhantes das Impiedades supremas, das Blasfêmias absolutas, gemendo, rugindo, bramando no cáos feroz, hórrido, das profundas selvas brutas, a sua formidável Dilaceração humana! A África laocoontica, alma de trevas e de chamas, fecundada no Sol e na Noite, errantemente tempestuosa como a alma espiritualizada e tantálica da Rússia, gerada no Degrêdo e na Neve — polo branco e polo negro da Dor!"

E as pedras que se sobrepunham na estrada da vida de Cruz e Souza, o negro que merece maiores interpretações e análises, numa ampla revisão, reintegrando-o na posição que não lhe outorgaram seus contemporâneos. Deixou a angústia moldada num perfeito monumento através das palavras:

"Se caminhares para a direita baterás e esbarrarás ansioso, aflito, numa parede horrendamente incomensurável de Egoismos e Preconceitos! Se caminhares para a esquerda, outra parede, de Ciências e Críticas, mais alta do que a primeira, te mergulhará profundamente no espanto! Se caminhares para a frente, ainda nova parede, feita de Despeitos e Impotências, tremenda, de granito, broncamente se elevará ao alto! Se caminhares, enfim, para traz, ah! ainda, uma derradeira parede, fechando tudo, fechando tudo —

horrível! — parede de Imbecilidade e Ignorância, te deixará n'um frio espasmo de terror absoluto...

E, mais pedras, mais pedras se sobreporão às pedras já acumuladas, mais pedras, mais pedras... Pedras destas odiosas, caricatas e fatigantes Civilizações e Sociedades... Mais pedras, mais pedras! E as estranhas paredes hão de subir, — longas, negras, terríficas! Hão de subir, subir, subir mudas, silenciosas, até às Estrêlas, deixando-te para sempre perdidamente alucinado e emparedado dentro do teu Sonho..."

A literatura brasileira é rica na temática afro-brasileira, notadamente na evocação da mãe preta, dos cantos exuberantes das tradições e costumes negros, na vasta área do folclore, sem esquecermos os poetas do período abolicionista. Tema apaixonante, tratado com maestria pelo padre José Pereira Neto, em conferência recém-pronunciada, ao correr da Semana Africana.

Nossa procura parte para a integração dos poetas, notadamente os contemporâneos na chamada negritude brasileira. Não é lá muito rica a seara. Retornando na análise, encontramos referências ao têrmo negritude, registrado durante a realização do I Congresso do Negro Brasileiro, pelo crítico guanabarino Ironides Rodrigues e o primeiro tradutor de "Orfeu Negro", de Sartre, publicado na revista "Quilombo", revista dirigida pelo ator Abdias do Nascimento. Em seguida, Lúcia Miguel Pereira (de saudosa memória e tão olvidada nos dias de hoje) tratou do assunto em artigos. Isso no início da década de 1950, com o têrmo agredindo as elites chamadas sem preconceitos. Caimos no panorama literário contemporâneo e ao levantarmos a cortina que cerca o conteúdo filosófico do têrmo, poucos, bem poucos, são os cultores da negritude brasileira. Solano Trindade, Oswaldo de Camargo, Carlos de Assumpção, Eduardo de Oliveira e Madalena de Souza, formam o pequeno time que marca alguns lances espetaculares. Estas considerações formam o cadinho de contribuições que partem de São Paulo para uma tentativa de fixação da poesia com resquícios de negritude. Êsse diálogo da negritude, realizado primeiramente na sede da Associação Cultural do Negro, por ocasião do décimo aniversário da entidade, prosseguirá, com a esperança de moldar um ensaio, caracterizado, definível ou definitivo, do que realmente possuimos no setor.

Solano Trindade, poeta-ator-teatrólogo forma um conjunto lírico carregado de afro-brasileirismos, densos e fortes, sem contudo integrar-se definitivamente na área da negritude. Canta o folclore, cultiva o folclore, ama o folclore e é expressão viva dêsse folclore que adota. De seus poemas destacamos a pujança do negro na luta por reivindicações sociais, locais, caseiras, sem contudo expressar a universalidade de uma filosofia empregada por um Senghor, por Cesaire, por Damas. Solano Trindade desponta como uma das expressões da poesia nìtidamente afro-brasileira, cujo ápice encontramos nesses versos:

"Canto de negro dói
Canto de negro mata
Canto de negro
faz bem e faz mal.

Negro é como couro de tambor
Quanto mais quente mais toca
quanto mais velho
mais zuada faz."

Oswaldo de Camargo, autor de um trabalho interessante "15 Poemas Negros", editado pela Série "Cultura Negra" — Volume 3, com interessante prefácio do prof. Florestan Fernandes, desponta com uma poesia na fase de transição para um convite ao cultivo da negritude. O poeta ainda está impregnado de um protesto negro, num grito aluciante, angustiante, fragmentando-se ante versos líricos e sem expressão temática, de um total de quinze poemas, destacamos, êste trecho:

"Eu conheço um grito de angústia,
e eu posso escrever êste grito de angústia,
e eu posso berrar êste grito de angústia,
quer ouvir?
"Sou um negro, Senhor, sou um... negro!"

Inegrando seus versos para uma temática da negritude, está com um livro no prelo, cujos originais não conhecemos, destacando-se apenas êstes versos, que valem para o "Convite à Negritude", título do livro que será editado pela Martins Editôra:

"Ai meu pai, sou liberto, eu soluço,

liberdade é estar inda de bruços
e morder nova espécie de algema;
é ferir estas costas, carregando
o dia branco e a branca voz dos donos...
Mas, vê:
Brancas nuvens enfeitam êste dia,
que a tua voz não seja mais ao vento
só lamento...
Haja risos e cantares nesta praça,
não lamento."

Carlos de Assumpção, negro e professor primário, passou como um vendaval no ciclo das comemorações do 70.º aniversário da abolição da escravidão, ao oferecer o poema "Protesto", publicado no primeiro volume da Série "Cultura Negra". Perdemos o contacto com o poeta e não sabemos se continua produzindo versos. Seu poema é antológico e forte no *status* social:

"Um dia, talvez, alguém perguntará,
comovido ante o meu sofrimento;
"Quem é que está gritando?
"Quem é que lamenta assim?
E eu responderei: "Sou eu, irmão".
Irmão tu me desconheces?
Sou eu aquele que se tornou
uma vítima dos homens.
Sou eu aquele que sendo homem
foi vendido pelos homens,
em leilões em praça pública;
que foi vendido ou trocado
como instrumento qualquer
sou eu aquele que plantou
os canaviais e cafezais
e os regou com suor e sangue;
aquele que sustentou,
sôbre os ombros negros e fortes,
o progresso do país;
o que sofrera mil torturas;
e que chorara inutilmente;
o que dera tudo o que tinha
e, hoje em dia, não tem nada.
Mas hoje grito não é

pelo que já se passou.
Que se passou é passado,
meu coração já perdoou.
Hoje, grito, meu irmão,
é porque depois de tudo
a justiça não chegou."

EDUARDO DE OLIVEIRA, poeta negro, tateanto no início de sua carreira no setor literário, acaba de publicar o terceiro volume de poesias, melhorando e ampliando a temática de seus versos. Ao prefaciarmos o seu livro "Banzo", editado pela Obelisco e já figura em quinto posto, como um dos mais vendidos, segundo pesquisa da Câmara Brasileira do Livro, afirmavamos entre outras considerações:

"Eduardo de Oliveira, de há muito vinha prometendo o seu "Banzo" a sua alma, a sua "nostalgia mortal de negro d'Africa", o seu lamento negro de onde brota esta espontaneidade:

"Eu sei, eu sei que sou um pedaço d'Africa
pendurado na noite do meu povo..."

Uma espontaneidade que vem nascer de uma necessidade de retornar à luta pela libertação, trazendo-nos a fôrça poetica de um Castro Alves no panorama do mundo para redimir a África do pecado branco de ser escrava. O canto de liberdade ecoa no estro dos poetas que marcham para a epopeia da aurora africana, onde encontramos angustias vergastadas pelos ventos malditos:

"Eu sou um pedaço d'Africa
jogado no chão do mundo..."

Lendo seus poemas, relendo sua negritude, ainda nos originais, encontramos belas passagens líricas de eterno encantamento; deparamos com reinvidicações transformadas em poesia e versos clamando reinvidicações acima de tudo nas páginas de "Banzo" e nos lamentos nostalgicos da côr negra. Eduardo de Oliveira fixa seu nome na constelação da poesia moderna e contribui com algumas parcelas para a poetica sôbre seus ancestrais africanos. O suor, o sangue, o clamor de liberdade ecoa pela voz do poeta, trazendo nova esperança de uma nesga de luz para a harmonia das cores, num mundo de paz."

Eis um poeta presdestinado ao cultivo do termo negritude, numa visão ampla, abrindo horizontes para que a nova geração de poetas negros venham ao chamado da negritu-

de, clamar das profundezas da noite, versos assim:

"Ser negro é sentir a pujança telurica
das raças infelizes.
Senzalas, ritos, cafezais
são símbolos de ontem
que relembram escravidão.
Favelas, salarios, sindicatos,
são emblemas de agora, chicoteando
o rosto dos meus irmãos.
Porém, a minha raça ha de ser forte,
há de levantar-se das barricadas do tempo,
proclamando
Liberdade! Liberdade! Liberdade!
para todos os povos de um mundo só,
sem peias nem mordaças,
sem ódios nem temores,
sem fome e sem humilhações,
que nos envergonham
em face da verdade,
da paz e da justiça,
que hão de brilhar penduradas
num pedaço de manhã,
iluminando a nova era
da fraternidade
e da compreensão humana!"

Na mesma linha poetica de Carlos de Assumpção, desponta a poetisa MADALENA DE SOUZA, angustiosa e inquieta, desesperada e triste, prometendo para breve o seu primeiro livro "África em Poemas". Numa das divagações, desabafa em tons tristes o roteiro do seu próximo trabalho: "Como negra, descendente de africana senti diante dessa realidade, amor e ternura ao meu povo, raça da côr de ebano. Inspirei-me nessa realidade e queria, como irmã da côr e de idênticos sentimentos, enviar uma mensagem. Mensagem que procuro expressar através de meu modesto livro. A África não deve viver de perseguições e torturas. Ela possui eterna significação... O seu povo ligado ainda na era primitiva... o folclore... as crenças... São alegrias misturadas com tristezas ,ligadas a esperanças. Lágrimas de mães desde a era das cavernas... Estradas sangrentas, ferradas com corpos de herois tombados."

Aguardemos com ansiedade o livro "África em Poemas"

para um melhor julgamento do poder criativo da poetisa, onde se amalgama o teor vigoroso da negritude:

"E cada lágrima de preto, no tronco, na chibata
ou na prisão
foi como semente santa,
germinada em terra boa...
E essa geração negra que hoje se levanta
liberta e aguerrida
tambem muito sofreu e se viveu não foi a toa"

Eis um roteiro sintetico em torno do diálogo da negritude, á exigir maiores pesquisas e a integração de novos valores. Pequeno é o contingente dos que advogam a causa que se torna ampla e profunda, varando anos e séculos na busca do ideal. Pouco mais de setenta anos nos separam da luta abolicionista e nesse hiato não encontramos expressões tutelares. Poetas de índole afro-brasileira, espalham-se nas páginas da nossa literatura, vigorosos e fieis ao tema e lema. Retornando ao campo de uma nova concepção poetica, não encontramos a almejada influencia de um Senghor na lírica brasileira. Com o derradeiro respingo, vamos deter um instante lírico de Aimé Cesaire, quando explode com sua alma ferida para a tomada de um estado emocional e consciente:

"Cinco séculos vos contemplam com as armas na
[mão
e haveis ensinado ás raças exploradoras
a paixão da liberdade.

Aguardas o próximo chamado
a inevitavel mobilização
porque tua guerra só conheceu treguas
porque não existe terra onde não tenha corrido
[teu sangue
língua em que tua côr não tenha sido insultada
Sorris, Black Boy
cantas,
danças,
embalas as gerações
que em tôdas as horas partem
para as frentes do trabalho e do tormento
que vão lançar-se amanhã ao assalto das basti-
[lhas

rumo aos bastiões do futuro
para escrever em tôdas as línguas
nas claras páginas de todos os ceus
a declaração de teus direitos menosprezados
ha mais de cinco séculos..."

Prezados ouvintes, que estas considerações levadas ao termo da negritude, pelos sábios ensinamentos de Sartre, interprete de uma filosofia que não encontrou discípulos aguerridos em nossa terra; entusiasmo das palavras de um Senghor quando pronunciou brilhante alocução no cenáculo da imortalidade, na Academia Brasileira de Letras, aliado ao profundo calor de seus poemas, pouco conhecidos em nosso País; lições proveitosas de Leon Damas, com sua estada entre nós, ficando adstrita na pesquisa e estudo, colocamos uma vírgula, para reencetar nôvo diálogo no amanhã claro e limpo do céu Pátrio, levando irmanadas duas culturas de elevado teor de miscibilidade, ao se fundirem, se unirem sem odios sanguinolentos, porém, levemente turvados por um preconceito que tenderá a dissipar-se. Um diálogo franco e eterno, leal e positivo na união do Brasil-África, duas culturas gemeas, credoras de maiores considerações. Um despertar para a revalorização do nosso passado, integrado no presente para a gloria do futuro através do constante diálogo da negritude.

S. Paulo, Dia de Anchieta/65

HENRIQUE L. ALVES

O escritor Leão Machado, membro da Academia Paulista de Letras, ao fazer a apresentação de Henrique L. Alves, durante as solenidades do Centenário de Gonçalves Dias, realizada sob os auspicios da Comissão Estadual de Literatura, no auditorio do Instituto de Educação "Valentim Gentil", na cidade de Itapolis, afirmou, entre outras considerações:

"Henrique L. Alves é jornalista, escritor, ensaista, crítico literário e historiador. Apesar da sua juventude, é membro dos mais participantes do Instituto Historico e Geográfico de S. Paulo, onde o presidente dessa casa, o ilustre academico Aureliano Leite, o chama carinhosamente de "nosso benjamim". Além disso, é Diretor da União Brasileira de Escritores, sendo ainda membro de várias entidades culturais da Capital. No jornalismo, Henrique L. Alves é um notável trabalhador, realizando diuturnamente n'"A Gazeta Esportiva" aquele trabalho silencioso da imprensa, que, embora não chegue nunca ao conhecimento do grande público, é altamente significativo pela influencia que realiza no mundo social e cultural da época.

Porém, o que mais surpreende em Henrique L. Alves, é que êste eslavo louro e de olhos azuis, filho de poloneses, não escreva sôbre a gente de sua raça e as coisas da nação de seus pais. E não é absolutamente por falta de assunto, pois a Historia da Polonia é uma das mais ricas que se conhecem. Ao longo de incontaveis séculos, a Polonia tem levado uma vida trepidante de dor, de sofrimento e de gloria...

Pois, com um material de historia e de humanidade tão significativo e importante para o mundo, Henrique L. Alves tem voltado seu interêsse para as manifestações culturais do negro brasileiro, sendo mesmo um dos mais distintos membros da Associação Cultural do Negro.

Por isso, aí está o belo livro que escreveu e publicou, analisando a impressionante obra de Nina Rodrigues, o notável ensaista maranhense, que realizou estudos científicos sôbre o negro brasileiro, sob os aspectos da etnologia, da sociologia e da antropolgia. Seguindo a mesma inspiração, escreveu tambem e publicou um ensaio excelente sôbre Cruz

e Souza, que é dos maiores nomes da Poesia Simbolista Brasileira. Mas o interêsse de Henrique L. Alves não parou nos aspectos literarios e científicos dos nossos grandes negros. Também os homens de ação política o inspiraram, tendo escrito um ensaio, ainda inedito, mas certamente magnífico, sôbre "Antonio Bento — o Fantasma da Abolição", obra que foi consagrada pela Academia Brasileira de Letras, em 1962, com o seu mais prestigioso laurel, o Prêmio "Ramos Paz".

Hoje, entre nós, Henrique, na mesma linha de interêsse, falará sôbre a "Poetica de Gonçalves Dias", outro homem de côr, que deixou versos imortais e cujo nome excelso, ainda há poucos dias, era citado em São Paulo, por Leopold Sedar Senghor, que não é importante por ser Presidente da nova República do Senegal, mas por ser romancista, poeta, filosofo e homem de pensamento e de cultura humanística. E escolhendo o tema desta conferência, Henrique L. Alves nos presta mais uma delicada homenagem. É que, transcorrendo neste ano o centenário da morte do autor de "I-Juca Pirama" e das "Sextilhas de Frei Antão", esta conferência de Itapolis é a primeira da serie de comemorações que o Brasil letrado empreende sôbre a obra imperecivel do poeta.

Não tento explicar o interêsse de Henrique pelos nossos negros ilustres, nem é preciso. Basta assinalar êste fenômeno de rara e preciosa sensibilidade em um jovem homem de letras, que nos dá hoje o prazer e a honra de sua presença."

Eis um apanhado da vida e obra do jovem ensaista, autor consagrado com alguns premios, entusiasta da cultura, radator da coluna "Aconteceu em São Paulo", no Jornal de Letras (GB) e "Papel & Livros", de "A Gazeta Esportiva" (SP), possui um lastro de trabalhos que o levaram cedo para o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, como membro honorário, onde excerce atualmente o setor de relações públicas. Recebeu as seguintes condecorações: IMPERATRIZ LEOPOLDINA, do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo; JOSÉ BONIFÁCIO, da Prefeitura Municipal de Santos; NINA RODRIGUES, da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo e VITAL BRAZIL, do Govêrno do Estado de São Paulo. Conquistou os seguintes premios: "Ramos Paz", da Academia Brasileira de Letras: "Linneu Cordeiro" da Academia Paulista de Letras e "Prefeitura Municipal de S. Paulo". A Associação Cultural do Negro conferiu-lhe o título de sócio honorário.

Este livro foi composto e impresso
J. BIGNARDI & CIA. LTDA.
RUA JANDAIA, 58 — S. PAULO — 1965

DIRETORIA DO CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS "GUSTAVO BARROSO" 1964/5

Presidente	—	MARILÓ REISS
Vice-Presidente	—	AMATILDE REGINA DA ENCARNAÇÃO VALLE
1.º Secretário	—	MANOEL DE MELLO SOUZA
2.º Secretário	—	JÚLIA MARIA CAVATERRA
Tesoureiro	—	EDNA DONÁRIA DE FREITAS
Diretor Social-Cultural	—	MARIA APARECIDA SATIM
Bibliotecária	—	ELIZABETH AZEVEDO
Professor orientador:	—	JOSÉ LUIZ PASIN

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA